



Foto: MST

Diagnóstico da agrobiodiversidade no assentamento Primeiro de Junho, Tumiritinga – MG

O MST e a Campanha *Sementes Patrimônio dos Povos a Serviço da Humanidade*

Ciro Eduardo Corrêa
Denis Monteiro*

A defesa do direito de todos os camponeses e dos povos tradicionais de terem livre acesso ao uso da biodiversidade e, em especial, de cultivarem suas sementes é a premissa da *Campanha Sementes Patrimônio dos Povos a Serviço da Humanidade*, promovida pela Via Campesina Internacional. Lançada em 2003 por ocasião do Fórum Social Mundial em Porto Alegre, a Campanha pretende ser um instrumento de unificação das pautas e agendas dos movimentos sociais camponeses e

de diversas entidades apoiadoras. Seu objetivo é mobilizar a sociedade contra a privatização da vida e dos meios de reprodução biológica tal como defendem empresas transnacionais dos ramos agrícola e farmacêutico.

Um conjunto de proposições defendidas pela Via Campesina associa-se à Campanha e dá consistência às lutas contra o modelo convencional de agricultura e as regulações do comércio internacional exercidas pela Organização Mundial do Comércio (OMC). Entre essas proposições estão a promoção da soberania alimentar dos povos; a agroecologia como estratégia produtiva camponesa; a luta pela defesa dos territórios; a valorização das culturas e dos conhecimentos locais; e a equidade de gêneros e gerações. Essas diretrizes garantem a identidade

política da Campanha entre os movimentos sociais vinculados à Via Campesina que pautam o tema de acordo com as realidades específicas dos mais de 80 países nos quais estão presentes.

No Brasil, a Via Campesina é constituída pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (Feab) e Pastoral da Juventude Rural (PJR).

As iniciativas do MST

Para o MST, a Campanha vem se constituindo em uma importante “porta de entrada” para a introdução do debate sobre o modelo tecnológico junto as suas instâncias deliberativas e setores, bem como junto a sua base social, presente em 23 estados com aproximadamente 300 mil famílias assentadas e 150 mil acampadas. Além disso, vem permitindo implementar ações práticas voltadas para a promoção da agroecologia nos assentamentos e acampamentos.

Ao favorecer a incorporação de uma nova perspectiva crítica quanto ao modelo tecnológico no MST, a Campanha deverá paulatinamente extrapolar as temáticas do resgate, da multiplicação e do uso de sementes, e evoluir para um Programa Ambiental mais abrangente que integrará novas dimensões relacionadas ao desenvolvimento do campesinato no Brasil.

Levar adiante esse desafio é uma tarefa que deve ser assumida pelo conjunto do Movimento, cabendo a todos os setores e coletivos pautarem o tema e elaborarem iniciativas, promovendo a massificação dos conceitos e das proposições estratégicas. As ações também devem ser articuladas com diversas parcerias, principalmente com os demais movimentos da Via Campesina e outros simpatizantes e apoiadores do Movimento.

Estando profundamente atrelada à luta contra a transgenia, a Campanha também terá de incentivar debates e apresentar alternativas concretas a esta tecnologia que chega para reiterar e aprofundar o modelo de agricultura socialmente excludente e ambientalmente predatório que deita suas raízes nos primórdios da história brasileira. Nesse sentido, ela deverá ser um símbolo de resistência e superação ao agronegócio de monoculturas para exportação, demarcando a disputa de projetos de sociedade. Devemos inseri-la nas mobilizações de massa, nas negociações com governos e no dia-a-dia da nossa base social.

Estando profundamente atrelada à luta contra a transgenia, a Campanha também terá de incentivar debates e apresentar alternativas concretas a esta tecnologia que chega para reiterar e aprofundar o modelo de agricultura socialmente excludente e ambientalmente predatório que deita suas raízes nos primórdios da história brasileira.

A Rede Nacional Bionatur de Sementes Agroecológicas

A Bionatur é uma das principais iniciativas do MST na área do resgate, melhoramento, multiplicação e distribuição de sementes agroecológicas. Proposta por dois grandes amigos do MST, João Rockett e Sebastião Pinheiro, como alternativa ao oligopólio na produção de sementes de hortaliças constituído no Brasil, ela foi criada em 1997 pela Cooperativa Regional dos Agricultores Assentados da Reforma Agrária (Coperal). Aceito o desafio, a Bionatur se estruturou como a primeira empresa social da América Latina dedicada à produção e à comercialização de sementes agroecológicas de hortaliças.

A Bionatur não trabalha com híbridos. Produz exclusivamente sementes de variedades possibilitando, caso seja viável pelas condições naturais, que os agricultores que as utilizam possam multiplicá-las, não necessitando comprá-las anualmente. Além disso, as sementes são

Foto: MST



Sementes Agroecológicas Bionatur

Além de diagnosticar a realidade do uso e do manejo da biodiversidade local, os DRPBIOs vêm exercendo a função de mobilizar as famílias dos assentamentos para a implementação das ações estratégicas da Campanha.

produzidas por famílias camponesas que empregam processos agroecológicos. O objetivo é que a produção de sementes agroecológicas passe a ser um componente integrado aos sistemas de produção de um grande número de famílias e de assentamentos, criando novas possibilidades econômicas. A comercialização das sementes Bionatur é realizada por intermédio de organizações populares e sindicais simpatizantes da reforma agrária e da agricultura camponesa e comprometidas com a agroecologia. Os preços de suas sementes, em média, são iguais ou inferiores aos praticados pelas empresas no mercado convencional.

Em seu desenvolvimento, a Bionatur deve potencializar a condição organizativa que o MST oferece. Deve, portanto, estabelecer os cultivos e a distribuição de sementes de forma descentralizada, buscando a regionalização e garantindo sementes com maior capacidade de adaptação local e com menor gasto energético. Nesse sentido, a Campanha Sementes Patrimônio dos Povos a Serviço da Humanidade permite o fortalecimento da Bionatur.

Além da produção em sua sede em Hulha Negra-RS, atualmente a empresa tem campos de cultivo em diversos municípios da metade sul do Rio Grande do Sul, no oeste Catarinense e no norte de Minas, este último em parceria com o Centro de Agricultura Alternativa (CAA). Na continuidade desse seu processo de expansão, está se organizando para implantar os primeiros cultivos no Paraná, em Goiás, no Distrito Federal e no sertão nordestino, onde, no início de 2004, alguns campos de produção foram perdidos em função das enchentes ocorridas. Em 2005, planeja-se produzir 10 toneladas de

sementes de mais de 75 espécies e variedades de hortaliças, constituindo a Rede Nacional Bionatur Sementes Agroecológicas.

Os Diagnósticos Participativos da Biodiversidade

Com o apoio de diversas pessoas e instituições, o MST traçou e está executando em 2004 uma série de iniciativas para dar encaminhamentos práticos à Campanha. Foi constituído um coletivo nacional que coordena a implementação das ações nas diferentes regiões e estados e que atua no sentido de nivelar conceitos, princípios, objetivos e metodologias. Um conjunto de seminários regionais, envolvendo lideranças e técnicos do Movimento, foi realizado com o objetivo de planejar como serão levados a cabo os Diagnósticos Rápidos Participativos da Biodiversidade (DRPBIO) em cada um dos estados. Esses eventos tiveram inicialmente um caráter piloto em assentamentos priorizados pela sua organicidade interna e capacidade de irradiação da proposta nos respectivos estados onde foram realizados (ver Boxe).

Além de diagnosticar a realidade do uso e do manejo da biodiversidade local, os DRPBIOs vêm exercendo a função de mobilizar as famílias dos assentamen-



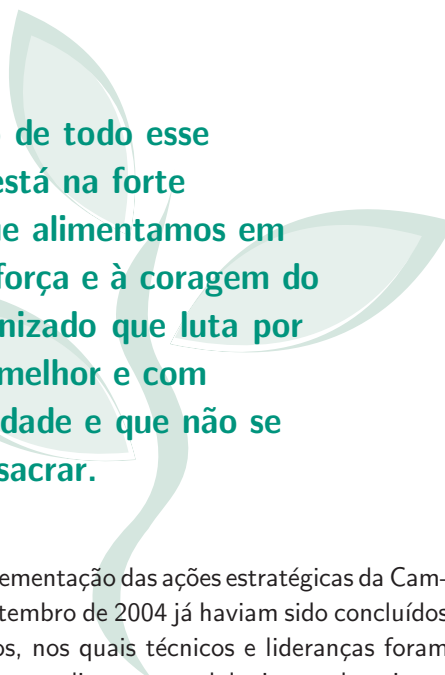
Assembléia do DRPBIO, assentamento Chico Mendes, Icó – CE



Coordenação político-pedagógica do DRPBIO do Assentamento Primeiro de Junho, Tumiritinga-MG

Foto: MST

Foto: MST



O segredo de todo esse processo está na forte mística que alimentamos em relação à força e à coragem do povo organizado que luta por uma vida melhor e com mais dignidade e que não se deixa massacrar.

tos para a implementação das ações estratégicas da Campanha. Até setembro de 2004 já haviam sido concluídos 17 diagnósticos, nos quais técnicos e lideranças foram capacitados para replicar a metodologia nos demais assentamentos, organizando a base da Campanha.

A continuidade do processo deverá ser bastante variável de estado para estado. No entanto, a constituição de bancos de sementes comunitários é uma proposta presente em quase todos os assentamentos. A implementação de quintais diversificados, de sistemas agroflorestais, de sistemas Voisin de manejo de pastagens, de repovoamento de florestas nativas, de eventos de capacitação e a organização de grupos para trabalhar com artesanato estão entre as propostas surgidas nos debates entre as famílias envolvidas nos diagnósticos.

A realização de concursos de redação e de desenho em todas as escolas do MST e de olimpíadas participativas para identificar famílias e assentamentos que possuem maior diversidade preservada são outras iniciativas da Campanha que merecem destaque. Através desses processos, busca-se mobilizar a comunidade escolar nos assentamentos e acampamentos bem como provocar o debate e estimular ações práticas da base social do Movimento em torno das propostas da Campanha.

Embora estejamos contando com assessorias de técnicos com amplo acúmulo de trabalho nesse campo e com subsídios teóricos sistematizados em livros e cartilhas publicadas pelo Movimento e por instituições parceiras, todas as ações implementadas se pautam na valorização do conhecimento dos camponeses que no dia-a-dia manejam a agrobiodiversidade como seus grandes guardiões. O segredo de todo esse processo está na forte mística que alimentamos em relação à força e à coragem do povo organizado que luta por uma vida melhor e com mais dignidade e que não se deixa massacrar.

**Ciro Eduardo Corrêa e Denis Monteiro: membros do setor de produção, cooperação e meio ambiente e do coletivo nacional da Frente de Meio Ambiente do MST. producaobsb@terra.com.br*

O Diagnóstico Rápido Participativo da Biodiversidade do assentamento Primeiro de Junho – Tumiritinga – MG

Entre os dias 13 e 18 de julho de 2004, no assentamento Primeiro de Junho, localizado no município de Tumiritinga-MG, no Vale do Rio Doce, realizou-se o DRPBIO piloto da região Sudeste. Sessenta técnicos(as) e agricultores(as) estiveram juntos estudando a realidade da comunidade e discutindo propostas de ação. Por meio da realização de mapas falantes, de caminhadas por alguns pontos-chave da área, e da elaboração de calendários sazonais e diversos diagramas sobre os sistemas de produção, as famílias puderam debater sobre a agricultura no assentamento. Ao final, organizou-se uma assembléia na qual as principais conclusões do diagnóstico foram apresentadas e debatidas.

O diagnóstico evidenciou a grande quantidade de espécies e variedades mantidas e manejadas nos sistemas produtivos do assentamento e chamou a atenção para a existência de grande consciência coletiva sobre a necessidade de enfrentar os problemas ambientais da comunidade. Foram identificadas várias práticas agroecológicas já adotadas por famílias. A pergunta que se colocou de imediato para o grupo envolvido foi: Como valorizar e dar seqüência às iniciativas já existentes no assentamento e, ao mesmo tempo, responder aos problemas identificados no diagnóstico? Um conjunto de propostas foi elaborado para ser encaminhado ainda no ano de 2004. Entre elas destacam-se: fazer com que o próximo plantio do milho “de paiol” seja consorciado com leguminosas; dar início a um processo de transição agroecológica na criação de frangos para corte e galinhas de postura, a partir da substituição das raças comerciais por outras mais adaptadas ao local, e da mudança da ração convencional para produtos encontrados na própria comunidade.